

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Revista Brasileira

Class.: 363

Data: 08/02/89

Pg.: _____

44/68 Concorrência aumenta a safra agrícola indígena

“Na região de Vilhena, em Rondônia, desenvolve-se atualmente, uma intensa disputa entre os índios Nambikwara da reserva indígena Vale do Guaporé, especificamente nas aldeias jurisdicionadas ao posto indígena Capitão Pedro, e os da reserva indígena Pirineus de Souza. Trata-se de uma luta salutar, cujo título ficará com o maior produtor de grãos e outros gêneros alimentícios que passaram a fazer parte do cardápio agrícola das quatro comunidades envolvidas. O resultado dessa competição entretanto, culmina com a conquista da auto-suficiência de ambas as partes.

Esta concorrência começou efetivamente na safra 87/88. Neste ano os Nambikwara, da reserva Pirineus de Souza, terminaram colhendo uma quantidade infinitamente superior ao grupo do capitão Pedro. A plantação de arroz em Pirineus de Souza rendeu 21,5 toneladas, enquanto que em Capitão Pedro a produção alcançou apenas 3,4 toneladas. O milho dos Nambikwara de Pirineus — 9 toneladas — foi a tribo da colheita de Capitão Pedro e o feijão atingiu o dobro, com 4,5 toneladas.

Em 1989, os Mamaindê, como são distinguidos os Nambikwara do Posto Indígena Capitão Pedro, resolveram dar o troco. A safra de arroz está estimada em 30 toneladas, a de milho em 16 e a de feijão em 8. Entre os Sabané Tawandê e Manduca,

que são os Nambikwara que habitam a reserva Pirineus de Souza, o arroz chegará a 40 toneladas, superando a cota a ser atingida pelos Mamaindê. Em compensação, sua colheita será menor no milho e no feijão.

Para comprovar a performance empregada pelos Mamaindê do Capitão Pedro, basta se atentar para a área plantada na safra 87/88 e para a de agora. Na produção passada, os Mamaindê cultivaram apenas oito hectares, contra 30 dos Sabané, Tawandê e Manduca. O crescimento da área plantada na reserva vale do Guaporé foi de 100 por cento, alcançando 82 hectares, enquanto que o incremento em Pirineus de Souza foi de 18 hectares, totalizando 48 hectares.

DIVERSIFICAÇÃO

O trabalho produtivo das duas comunidades Nambikwara envolvidas diretamente nesta disputa, não fica restrito apenas ao arroz, feijão, o milho e a mandioca. Os Sabané, Tawandê e Manduca, em Pirineus de Souza, e Mamaindê, no norte do vale do Guaporé, produzem ainda outras culturas, tais como: cana-de-açúcar, que utilizam na produção da rapadura, abacaxi, utilizado em grande parte para comercialização, além de banana e batata, ambos para consumo. Nesse item, os Mamaindê plantaram 10 hectares e

os Nambikwara de Pirineus apenas três. Em compensação, esses índios dispõem de um vasto laranjal, com 150 pés de efetiva produção.

Apesar do cuidado que tem com a agricultura, os Mamaindê, os Sabané, os Tawandê e os Manduca se dedicam ainda, durante todo o ano, à retirada de borracha dos seringais nativos dispostos nas duas reservas. E com essa produção que os quatro grupos suprem suas necessidades adquiridas ao longo da convivência com a sociedade, enquanto aguardam os resultados da produção agrícola. No ano passado, a extração de látex, o CVP, alcançou 1,5 toneladas entre os índios Mamaindê, e 2,6 toneladas na reserva Pirineus de Souza.

Na agricultura em escala, os números parecem pouco representativos, se deixar de se considerar um importante fator: a técnica utilizada pelas duas comunidades para o plantio. De acordo com o chefe de posto da FUNAI em Capitão Pedro, Ailton Benevides, os índios trabalham a agricultura pelo método tradicional, ou seja, as chamadas roças de toco. Estas roças são constituídas em caráter comunitário — cada família tem a sua, onde é produzida a alimentação interna. Benevides explica que esse tipo de tecnologia acaba com a necessidade do uso de defensivos agrícolas.